

PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS: A diversidade cabe no seu plano de aula?

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137pedagogiadasdiferencas>



Karla Danielle Matos Menezes King

karladaniellematosmenezes@gmail.com

Mestra em Letras PPGL - UFRR; Pós-Graduada em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo IFES; Graduada em Letras Português-Inglês pela UFRR. Atualmente faz parte do quadro de professores efetivos da SEED-RR.

Cora Elena Gonzalo Zambrano

cora.gonzalo@uerr.edu.br

Doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Docente da Universidade Estadual de Roraima e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima.

**Pedagogia das diferenças:
a diversidade cabe no seu plano de aula?**

**Pedagogy of differences:
does diversity fit into your lesson plan?**

**Pedagogía de las diferencias:
¿la diversidad cabe en tu plan de clase?**

Resumo

O mundo contemporâneo, atravessado por pluralidades linguísticas, culturais e identitárias, exige que a escola também se transforme. Diante dessa realidade, torna-se urgente repensar práticas pedagógicas que estejam alinhadas à complexidade dos contextos escolares atuais. Neste artigo, discutimos a Pedagogia das Diferenças como uma abordagem possível e necessária para o enfrentamento das desigualdades educacionais, sobretudo em espaços marcados pela diversidade. Dentro dessa perspectiva, adotamos as noções de translinguagem e letramentos como fundamentos que sustentam práticas mais inclusivas, sensíveis às múltiplas formas de expressão e aprendizagem dos estudantes. O objetivo geral é compreender o potencial da Pedagogia das Diferenças na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e responsivas em contextos escolares plurais, a partir da aplicação de uma sequência didática e da observação da atuação docente em uma escola de Roraima que, atualmente, tem mais estudantes venezuelanos do que brasileiros. Esta pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa e quantitativa, com foco na pesquisa-ação, e envolveu a análise de dados obtidos por observação participativa durante a aplicação de uma sequência didática sobre o tema dos relacionamentos, além da aplicação de questionários com os alunos. Os resultados apontam que a Pedagogia das Diferenças contribui significativamente para a construção de ambientes escolares mais equitativos e responsivos, ao incentivar práticas pedagógicas que reconhecem as singularidades dos estudantes e promovem maior flexibilidade na organização do ensino.

Palavras-chaves: Pedagogia das Diferenças; Diversidade; Práticas Pedagógicas Inclusivas.

Abstract

The contemporary world, shaped by linguistic, cultural, and identity pluralities, demands that schools also undergo transformation. In light of this reality, it becomes urgent to rethink pedagogical practices that are aligned with the complexity of today's educational contexts. In this article, we discuss the Pedagogy of Differences as a possible and necessary approach to addressing educational inequalities, especially in spaces marked by diversity. From this perspective, we adopt the concepts of translanguaging and literacies as foundational frameworks that support more inclusive practices, sensitive to the multiple forms of student expression and learning. The general objective is to understand the potential of the Pedagogy of Differences in promoting inclusive and responsive pedagogical practices in plural school contexts, through the application of a didactic sequence and the observation of teaching practices in a school in Roraima, which currently has more Venezuelan than Brazilian students. This research was conducted using a qualitative and quantitative approach, with a focus on action research, and involved the analysis of data collected through participant observation during the implementation of a didactic sequence on the theme of relationships, as well as the administration of student questionnaires. The results indicate that the Pedagogy of Differences significantly contributes to the construction of more equitable and responsive school environments by encouraging pedagogical practices that recognize student singularities and promote greater flexibility in the organization of teaching.

Keywords: Pedagogy of Differences; Diversity; Inclusive Pedagogical Practices.

Resumen

El mundo contemporáneo, atravesado por pluralidades lingüísticas, culturales e identitarias, exige que la escuela también se transforme. Ante esta realidad, se vuelve urgente repensar prácticas pedagógicas que estén alineadas con la complejidad de los contextos escolares actuales. En este artículo, discutimos la Pedagogía de las Diferencias como un enfoque posible y necesario para enfrentar las desigualdades educativas, especialmente en espacios marcados por la diversidad. Desde esta perspectiva, adoptamos las nociones de translenguaje y literacidades como fundamentos que sustentan prácticas más inclusivas y sensibles a las múltiples formas de expresión y aprendizaje de los estudiantes. El objetivo general es comprender el potencial de la Pedagogía de las Diferencias en la promoción de prácticas pedagógicas inclusivas y receptivas en contextos escolares diversos, a partir de la aplicación de una secuencia didáctica y de la observación de la actuación docente en una escuela de Roraima que, actualmente, cuenta con más estudiantes venezolanos que brasileños. Esta investigación se llevó a cabo mediante un enfoque cualitativo y cuantitativo, centrado en la investigación-acción, e incluyó el análisis de datos obtenidos a través de la observación participativa durante la aplicación de una secuencia didáctica sobre el tema de las relaciones afectivas, además de la aplicación de cuestionarios a los estudiantes. Los resultados señalan que la Pedagogía de las Diferencias contribuye significativamente a la construcción de entornos escolares más equitativos y receptivos, al fomentar prácticas pedagógicas que reconocen las singularidades de los estudiantes y promueven una mayor flexibilidad en la organización de la enseñanza.

Palabras clave: Pedagogía de las Diferencias; Diversidad; Prácticas Pedagógicas Inclusivas.

Por que falar sobre diferenças na escola hoje?

Porque a escola não é - e nunca foi - um espaço homogêneo. Todos os dias, convivem ali estudantes com histórias, línguas, culturas, trajetórias e modos de aprender muito diferentes. E diante dessa diversidade, seguir apostando em uma pedagogia padronizada e neutra, ou seja, aquela que parte do princípio de que todos os estudantes aprendem da mesma forma, desconsiderando suas singularidades linguísticas, culturais e cognitivas, não é apenas ineficaz - é injusto. Uma prática pedagógica neutra é, na verdade, cúmplice das injustiças estruturais e legitima a lógica de que apenas determinados saberes, línguas e modos de ser são válidos no espaço escolar

Com as migrações contemporâneas, as salas de aula brasileiras estão ainda mais heterogêneas. Na atualidade, temos testemunhado uma crescente intensificação das migrações Sul-Sul (Silva e Baeninger, 2021), com o deslocamento de pessoas entre países do chamado Sul Global. Nesse contexto, temos os migrantes de crise²⁶ (Moreira e Borba, 2021) vindos de países como Venezuela e Haiti, em grande parte devido a crises econômicas, políticas e humanitárias que atingem suas nações. Os problemas econômicos e políticos da Venezuela, em particular, desencadearam um êxodo para países vizinhos em busca de melhores condições de vida, segurança e oportunidades de trabalho.

Diante desse cenário, as migrações trazem a necessidade de repensar as dinâmicas de acolhimento, sobretudo no âmbito educacional. Em Roraima, com a chegada de grande quantidade de estudantes venezuelanos nos últimos anos, os profissionais da educação estão percebendo realidades transnacionais complexas, incluindo crianças e jovens cujos percursos educacionais foram abruptamente interrompidos. Dessa forma, a inclusão de migrantes na escola roraimense exige uma análise aprofundada das necessidades e dos obstáculos que surgem no processo de ensino e aprendizagem, a fim de promover uma educação verdadeiramente inclusiva e sensível às realidades dos migrantes de crise.

²⁶ Tal conceito parte do princípio de que dinâmicas migratórias são constitutivas da história dos seres humanos e que, portanto, migrantes não seriam em si um problema para as sociedades que os acolhem.

Nessa perspectiva, este artigo tem como objetivo geral compreender o potencial da Pedagogia das Diferenças (Mantoan, 2017; Marli André, 1999; Perrenoud, 1995) na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e responsivas em contextos escolares plurais, a partir da aplicação de uma sequência didática e da observação da atuação docente em uma escola de Roraima que, atualmente, tem mais estudantes venezuelanos do que brasileiros²⁷. Os objetivos específicos são: (i) refletir sobre o papel do professor de língua inglesa na promoção de práticas pedagógicas que reconheçam e respeitem as múltiplas identidades dos estudantes; (ii) apresentar estratégias e experiências pedagógicas que operem a diferença como potência, com base em práticas de *translinguagem*, letramentos e escuta ativa; (iii) contribuir para a construção de um olhar mais sensível e crítico sobre o ensino em contextos diversos, propondo caminhos que fortaleçam a equidade e o pertencimento na escola.

No que tange ao arcabouço teórico, esta pesquisa alinha-se à Linguística Aplicada (LA) Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), que problematiza questões da linguagem em uso e as demandas da vida social contemporânea. Outra característica da área é a transdisciplinaridade, pois faz uso de teorias de diferentes campos do conhecimento para sustentar o debate e desenvolver encaminhamentos teórico-metodológicos.

Ainda de acordo com Moita Lopes (2006), novos tempos exigem novas formas de teorizar. Ao considerar a interação entre o ensino da língua e as experiências vivenciadas pelos alunos, há uma preocupação em entender como os contextos sociais, culturais e individuais afetam o processo de aprendizagem e o uso da língua.

Seguindo tal viés, defendemos o uso da Pedagogia das Diferenças para o ensino de línguas em contextos *superdiversos* (Vertovec, 2007) como o de Roraima. Dessa forma, devemos repensar o papel do professor, tentar reconfigurar nossas salas de aula e ressignificar o processo de ensino-aprendizagem para lidar com a pluralidade.

²⁷ Com aproximadamente 80% de estudantes migrantes oriundos, principalmente, da Venezuela.

Conforme King (2025, p. 44), baseada nas postulações de Mantoan (2017), Marli André (1999) e Perrenoud (1995), a Pedagogia das Diferenças se alinha à visão de que “a diferença não deve ser ocultada ou minimizada, mas reconhecida e valorizada como parte fundamental do processo educacional”. Os autores criticam o sistema escolar tradicional, com suas práticas homogêneas, engessadas e padronizadas que, por vezes, marginalizam os alunos que não se encaixam no “padrão”, seja por deficiência, origem cultural ou social, trajetórias de aprendizagem, dentre outras particularidades.

Conforme aponta Mantoan (2017), a Pedagogia das Diferenças apresenta uma crítica direta à segregação e exclusão, principalmente em relação a alunos com deficiência. Tal pedagogia defende a criação de um espaço inclusivo que não rotule ou segmente os estudantes, mas que atenda às suas individualidades, oferecendo igualdade de oportunidades. É importante salientar que a diferença não deve ser invisibilizada em prol de um ideal de igualdade. Pelo contrário, nessa perspectiva, a diferença deve ser reconhecida e celebrada, pois a escola deve se adequar às necessidades e potencialidades de cada aluno.

Marli André (1999) amplia essa visão ao incluir a dimensão cultural e social no conceito de diferença. O autor sugere que a escola precisa ser um ambiente que acolha as experiências diversas dos alunos, considerando suas origens e trajetórias, assim, a Pedagogia das Diferenças não se limita a uma abordagem técnica, mas é uma postura ética e política de respeito à diversidade. Nas palavras de Perrenoud, “as pedagogias diferenciadas são, em geral, inspiradas numa revolta contra o fracasso escolar e as desigualdades” (1997, p. 17).

Seguindo a perspectiva da Pedagogia das Diferenças, trazemos duas abordagens que podem contribuir com o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas na área de ensino de línguas: os letramentos e a translinguagem. Ambas abordagens fazem parte dos estudos da Linguística Aplicada e visam o uso de língua e linguagem como prática social, de uma forma mais fluida e dinâmica.

Para discutir a aplicação dessas teorias na prática, este artigo está dividido em quatro seções: além desta parte introdutória, uma seção para explicar o arcabouço metodológico, e outra para debater os dados junto com a teoria específica sobre letramentos e translanguagem; por último, são apresentadas as reflexões finais.

Metodologia

Para Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa tem o objetivo de compreender e interpretar fenômenos sociais dentro de seus contextos específicos. A pesquisa qualitativa em sala de aula deve construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida escolar. Esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa e interpretativista (Moita Lopes, 1994) visando interpretar fenômenos linguísticos específicos. É classificada como uma pesquisa-ação (Tripp, 2005), pois busca transformações nas práticas pedagógicas das pesquisadoras enquanto professoras pesquisadoras.

Como instrumentos de geração de dados são utilizados: o diário de pesquisa e a observação participante, com o objetivo de registrar as práticas de ensino e as interações com os estudantes durante as aulas; e os questionários para coletar informações socioeconômicas e feedbacks a respeito da sequência de ensino.

A pesquisa ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Prof.^a Maria das Dores Brasil, com duas turmas da 2ª série do Ensino Médio. Em levantamento realizado por King (2025, p. 35), em 2024, a instituição tinha “quase 80% de seu corpo de alunos composto por migrantes, enquanto cerca de 20% eram brasileiros”. Nas turmas da 2ª série do Ensino Médio, especificamente, a divisão era de 50% para cada grupo: brasileiros e migrantes internacionais. Um fator que contribui para o aumento da proporção de alunos migrantes é a localização geográfica da Escola Maria das Dores Brasil. Situada no bairro 13 de Setembro, uma área que naturalmente acolhe migrantes devido à proximidade com diversos serviços e instituições que oferecem suporte a essa população, como abrigos e centros da Operação Acolhida.

Dentre os migrantes internacionais, a maioria dos alunos são de origem venezuelana, com a presença de alguns indígenas da etnia warao e não indígenas de diversas regiões do país vizinho. No entanto, “a escola também acolhe migrantes de outras nacionalidades como cubanos, mexicanos, equatorianos, espanhóis, guianenses, dominicanos, além de migrantes nacionais de outros estados” (King, 2025, p. 34).

Para entender como aconteceu a geração de dados por meio do registro das atividades realizadas em sala, é necessário explicar um pouco do planejamento das aulas de língua inglesa na Escola Maria das Dores Brasil, no ano de 2024. As atividades da sequência de ensino²⁸ tiveram início com a elaboração de uma apostila voltada para a sensibilização dos estudantes a respeito da temática “Relacionamentos”. O material incluía tópicos gramaticais, vocabulário relacionado ao tema e propostas de interpretação textual, funcionando como base para o desenvolvimento de uma sequência de ensino estruturada. Algumas das atividades presentes na apostila foram adaptadas de uma unidade do livro do Sistema Farias Brito (Amos, Prescher & Pasqualin, 2016). Toda a sequência foi pensada para ser desenvolvida ao longo de um bimestre, com carga horária de uma aula semanal, totalizando dez encontros.

As cinco primeiras aulas foram dedicadas à realização das atividades propostas na apostila, proporcionando aos alunos uma base teórica e linguística para o desenvolvimento das etapas seguintes do projeto. A fase 1 da sequência de ensino envolveu a introdução do tema e a ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, por meio da análise de um *cartoon*, do estudo do tempo verbal *Simple Future*, da leitura e interpretação de um artigo sobre violência no namoro, além do trabalho com o sufixo *-ship* e vocabulário relacionado à temática.

²⁸ A sequência completa com as orientações para as atividades está disponível em <https://sites.google.com/view/entrelinguasfronteirakarlaking/projetos/dating-violence-project>

Já a fase 2 foi o momento de aprofundar o aprendizado por meio da apresentação de uma situação ou problema do tema explorado em sala. Na sequência, os alunos assistiram ao filme *It Ends With Us*, que trata da violência doméstica. A exibição ocorreu em duas aulas (aulas 6 e 7) e foi seguida por um momento de debate, no qual os estudantes puderam refletir sobre os temas abordados e compartilhar suas impressões. A partir desse diálogo, propomos a produção de um livro de narrativas sobre namoros abusivos, com histórias construídas pelos próprios alunos (aula 8). Em paralelo, também criaram *lapbooks*²⁹ que representavam visualmente as reflexões feitas ao longo do projeto (aula 9).

A aula 10 foi o momento para a culminância do projeto. Utilizamos as redes sociais para promover o evento e, além disso, criamos um folder específico para divulgar o projeto. Esse material foi distribuído e também impresso em tamanho gigante, tornando-se o painel principal do evento, que aconteceu no auditório da escola. A culminância se deu em duas etapas: 1. realização de palestras sobre o tema; 2. exposição dos *lapbooks* para a comunidade escolar.

Dating violence project - uma proposta prática

A proposta deste projeto surgiu, inicialmente, a partir de um caso de namoro abusivo ocorrido na escola. Esse episódio, somado a um preocupante cenário regional – em que, segundo o G1³⁰, "*Roraima é o quarto estado mais letal para mulheres na Amazônia Legal*" – nos levou a refletir sobre o papel da educação diante de tamanha violência.

²⁹ Um *lapbook* é uma ferramenta educacional interativa que se assemelha a uma pasta tridimensional, cheia de recortes, desenhos, dobraduras e "mini livros". O objetivo é ajudar a compreender um conteúdo de forma criativa e dinâmica. Os *lapbooks* podem ser utilizados em projetos escolares, hobbies ou pesquisas. São uma forma divertida de os alunos mostrarem o seu aprendizado.

³⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2024/12/12/roraima-e-o-terceiro-estado-mais-letal-para-mulheres-na-amazonia-legal.ghtml>

Diante disso, surgiu uma pergunta mobilizadora: como podemos contribuir para a redução dessa realidade por meio da formação das futuras gerações, ainda sob o alcance transformador da escola? Paulo Freire (2024) convida o educador a compreender que o ato de ensinar vai além da simples transmissão de conteúdos: implica “transformar a realidade” (Freire, 2024, p. 67). Ensinar, nesse sentido, é também um gesto político e ético, pois envolve intervir no mundo com intencionalidade, provocando mudanças que tornem a vida mais justa e significativa.

Leffa (2016) aponta uma mudança significativa no papel dos professores (e não apenas dos) de línguas no contexto educacional atual. Essa mudança favorece um ensino mais sensível às singularidades dos alunos e aos desafios específicos de cada realidade, permitindo abordagens mais personalizadas e contextualizadas. De acordo com o autor,

Durante o longo período da história de línguas, o professor sempre esteve submisso ao que determinavam os teóricos da área; agora, pela primeira vez, cria-se uma situação nova, em que ele tem a possibilidade de exercer sua autonomia, tomar suas decisões e até investigar sua ação pedagógica (Leffa, 2016, p. 40).

Dentro dessa perspectiva, o objetivo do projeto foi desenvolver e aprimorar a competência translíngua e o letramento dos alunos por meio de uma sequência didática que culminou na criação de *lapbooks* criativos e na produção de um livro de narrativas autorais. Como destaca King (2025, p. 77), “o contexto fronteiriço exige abordagens pedagógicas que reconheçam e integrem a diversidade linguística dos alunos”. Alinhado a essa perspectiva, a base teórica abarcou as práticas de Translinguagem, Letramentos e Multiletramentos, aqui compreendidos não apenas como recursos didáticos, mas como fundamentos éticos para uma prática pedagógica inclusiva.

Para compreender o embasamento teórico do projeto, é importante conceituar os fundamentos que o sustentam. Ofélia García (2009) define a Translinguagem como a prática de utilizar, de forma flexível e integrada, todo o repertório linguístico de um indivíduo, rompendo com fronteiras rígidas entre as línguas.

Nessa perspectiva, os falantes não alternam entre línguas separadas, mas constroem significados a partir de um único repertório linguístico, que reflete suas experiências culturais e identitárias. A translanguagem, portanto, rompe com a lógica monolíngue tradicional e valoriza os saberes linguísticos dos alunos como recursos legítimos para a aprendizagem.

Associada a essa perspectiva, está a concepção de letramento como prática social, conforme defendida por Kleiman (1995) e aprofundada por Brian Street (1984), com o conceito de letramento ideológico. Aqui, o letramento não é visto como uma habilidade técnica isolada, mas como uma prática situada, atravessada por relações de poder, cultura e identidade. Escrever e ler, nesse caso, são ações carregadas de sentido, que se constroem nas interações sociais e podem - e devem - ser mobilizadas para ler criticamente o mundo. Nesse sentido, a proposta de escrever um livro de narrativas ultrapassou os limites de uma simples atividade escolar, tornando-se uma ação com potencial transformador, capaz de tocar vidas e dialogar com a realidade social dos alunos. Por fim, a perspectiva dos multiletramentos conforme discutida por Rojo e Moura (2012) que,

aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo e Moura, 2012, p. 13).

Ao mesmo tempo, essa abordagem reconhece a multiplicidade cultural das populações escolares, especialmente nas grandes cidades e regiões de fronteira, como Roraima. Nesse contexto, faz-se necessário que, simultaneamente, se lide com a diversidade e a integre às práticas pedagógicas de forma intencional e sensível. Dessa maneira, ao considerar tanto os repertórios linguísticos múltiplos quanto as práticas sociais de leitura e escrita, essas abordagens ampliam as possibilidades de ensino, favorecendo a expressão das identidades dos alunos e promovendo o protagonismo estudantil ao permitir transformar a sala de aula em um espaço de escuta, pertencimento e produção de sentidos que dialogam com a vida real.

Após o encerramento do projeto, disponibilizamos um questionário online com o objetivo de obter o feedback dos alunos sobre a experiência vivenciada. Ao serem questionados sobre a relevância do tema abordado e se se sentiam mais informados após as atividades, 86% dos estudantes avaliaram o tema como extremamente relevante, enquanto 68% afirmaram estar mais conscientes e informados sobre o assunto. Esses dados reforçam a necessidade de que temas como o do namoro abusivo ocupem um espaço contínuo no currículo escolar, sendo discutidos de forma crítica e recorrente ao longo do processo formativo.

Em relação às atividades do projeto, os alunos tiveram preferências variadas, com destaque para as palestras, que receberam o maior número de votos (cerca de 38%). Acreditamos que esse *feedback* mostra o quanto momentos de discussão, esclarecimento de dúvidas e compartilhamento de informações são importantes e deveriam fazer parte da rotina escolar.

Além disso, ao serem questionados sobre a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos em seu cotidiano, 63% dos alunos afirmaram que conseguirão utilizar o que aprenderam, o que evidencia o impacto prático do projeto na vida dos estudantes e sua relevância para além do ambiente escolar. Em relação ao desenvolvimento de habilidades como leitura, escrita e comunicação, 54% dos alunos sentiram que as atividades os ajudaram a melhorar nessas áreas. O que comunica que o projeto foi especialmente eficaz para aqueles que ainda apresentam dificuldades de letramento, oferecendo um suporte positivo nesse processo.

Outro ponto importante foi a percepção dos alunos sobre o uso de diferentes formas de linguagem – multiletramentos – nas atividades do projeto³¹. Cerca de 84% dos alunos confirmaram que a diversidade de abordagens foi bem recebida e contribuiu para um aprendizado mais amplo. E ao serem questionados sobre a prática da Translinguagem, quase 70%³² dos alunos expressaram que a possibilidade de utilizar todo o seu repertório linguístico tornou o processo de aprendizagem mais acessível.

³¹ Como por exemplo, a construção dos *lapbooks*, escrita das narrativas no Google Docs, leitura e interpretação de *cartoons* e artigos.

³² Os outros 30% que responderam provavelmente eram brasileiros.

Diante dos resultados obtidos, fica evidente que a seleção de um tema relevante para a sequência de ensino desempenha um papel altamente importante no sucesso das atividades pedagógicas, como ressaltado por Menezes, Welp, Sarmiento e Dídio (2023). A abordagem translíngua se mostrou extremamente eficiente, especialmente neste contexto multicultural e multilíngua, e permitiu que os estudantes migrantes se sentissem mais à vontade para se expressar e participar das atividades. A possibilidade de alternar entre as línguas que conhecem promoveu maior confiança e, conseqüentemente, melhorou a qualidade das produções e o engajamento nas discussões. Não obstante, o trabalho com os multiletramentos também se destacou como um fator de grande peso no processo de aprendizagem.

Durante o desenvolvimento do projeto foi possível observar interações muito significativas entre os alunos migrantes e brasileiros, especialmente nos momentos de produção coletiva, como a elaboração dos *lapbooks* e a escrita das narrativas. A princípio, havia certa hesitação entre alguns estudantes - principalmente por parte dos migrantes, que demonstravam insegurança ao usar o português ou o espanhol, além do receio de serem julgados por utilizaremportunhol. Nesse sentido, trabalhar com projetos tem, de fato, um poder singular de romper barreiras emocionais e linguísticas, especialmente em contextos marcados pela diversidade. A natureza colaborativa desse tipo de abordagem favorece a construção de vínculos e o fortalecimento da aprendizagem.

É comum observar que, de forma espontânea, os alunos começaram a se ajudar: aqueles com mais familiaridade com os letramentos passam a apoiar os colegas que enfrentam mais dificuldades, enquanto os estudantes brasileiros, muitas vezes, auxiliaram os migrantes na escrita em português. Ao mesmo tempo, todos aprenderam com todos - inclusive em aspectos tecnológicos, como o uso do Google Docs, ferramenta inicialmente desafiadora para alguns, mas que logo se tornou ponto de cooperação entre os estudantes, à medida que um ensinava ao outro.

É até prazeroso refletir sobre isso, porque percebemos, com clareza, que temos em nossas mãos a possibilidade real de transformar nosso planejamento pedagógico. Quando assumimos uma postura aberta e sensível, abrimos espaço para que essas trocas aconteçam. Nas rodas de conversa, por exemplo, era comum que alunos migrantes se mostrassem inicialmente tímidos, evitando se expor verbalmente devido ao esforço que precisavam fazer para serem compreendidos. No entanto, quando a temática é bem escolhida e articulada com intencionalidade pelo professor, e quando há estímulos que favoreçam o acolhimento linguístico, a interação acontece - às vezes lentamente, mas de maneira significativa.

Essa experiência positiva comprova o alcance transformador da Pedagogia das Diferenças, quando aplicada com compromisso. Ao permitirmos que os alunos migrantes utilizassem suas línguas maternas para compartilhar suas vivências e histórias, legitimamos suas identidades dentro do espaço escolar. Simultaneamente, os estudantes brasileiros foram convidados a ampliar sua percepção de mundo, reconhecendo o outro como legítimo, digno de atenção e de escuta.

Como professoras, percebemos que nosso papel deixou de ser apenas o de transmissoras de conteúdos. Assumimos, cada vez mais, o lugar de mediadoras das relações, incentivando o diálogo, a cooperação e o respeito mútuo. Claro que, em alguns momentos, intervenções foram necessárias - como nos casos em que estudantes brasileiros, por impaciência, tentavam completar rapidamente as falas dos colegas migrantes em vez de esperá-los formular sua resposta. Nessas ocasiões, aproveitamos a oportunidade para reforçar a importância da escuta, da paciência e do direito de cada um falar no seu tempo e no seu modo.

Logo, ao refletirmos sobre essas experiências, temos a convicção de que o trabalho com práticas de letramento e de translinguagem, é uma pedagogia comprometida com as diferenças, não apenas por favorecer a aprendizagem, mas por transformar as relações em sala de aula. É nessa construção conjunta, feita de palavras, silêncios, acolhimento e resistência, que a escola se reinventa como espaço de pertencimento e formação humana.

Reflexões finais: e se a diferença for a nossa melhor pedagogia?

Certas de que há ainda um longo caminho a percorrer, encerramos esta etapa da pesquisa com a consciência de que a transformação educacional exige continuidade, escuta e compromisso. Ao trazer a Pedagogia das Diferenças por meio de um projeto que desenvolveu os letramentos e valorizou a translanguagem, este trabalho lançou um olhar intencionalmente voltado para o aluno migrante, cuja trajetória, marcada por deslocamentos geográficos, linguísticos e afetivos, demanda práticas pedagógicas mais sensíveis, humanizadas e comprometidas com o acolhimento real.

A presença desses sujeitos na escola não pode ser tratada como exceção ou desafio a ser contornado, mas como uma oportunidade de reinvenção da própria prática docente. Desinvisibilizar esses alunos é reconhecer que, por muito tempo - e ainda hoje - foram marginalizados, silenciados ou forçados a se adaptar a modelos pedagógicos homogeneizadores. Reconhecer diferentes línguas, culturas e identidades é apenas o primeiro passo; o verdadeiro desafio está em garantir que essas diferenças se tornem parte viva, atuante e estruturante da rotina escolar, ressignificando o fazer pedagógico em sua essência.

Isso implica romper com planejamentos pedagógicos engessados e abrir espaço para que os alunos migrantes também escrevam o currículo com suas vivências, seus repertórios e suas formas de ser e estar no mundo. A escola que queremos não é aquela que tolera a diferença, mas a que a incorpora como parte essencial de sua existência.

Portanto, mais do que adaptar o ensino para que esses alunos caibam no plano de aula, é preciso reformular o próprio plano a partir da escuta dessas vozes. Porque só quando o conhecimento é construído em diálogo com a vida de todos os que compõem a escola, ele se torna verdadeiramente emancipador.

Referências

- Amos, E., Prescher, E., & Pasqualin, E. (2016). *Challenge* (3ª ed.). Editora Moderna.
- André, M. (Org.). (1999). *A pedagogia das diferenças na sala de aula*. Papirus.
- Bortoni-Ricardo, S. M. (2008). *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. Parábola Editorial.
- Freire, P. (2024). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (79ª ed.). Paz e Terra.
- García, O. (2009). *Bilingual education in the 21st century: A global perspective*. Wiley-Blackwell.
- King, K. D. M. M. (2025). *Entre línguas e fronteiras: desafios e possibilidades no ensino de inglês para estudantes migrantes em Boa Vista*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1TM0Tka_lycnROU5qgwzAwHd6GygsZFOA0/view?usp=sharing
- Kleiman, A. B. (Org.). (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Mercado de Letras.
- Leffa, V. J. (2016). *Língua estrangeira: ensino e aprendizagem*. EDUCAT.
- Lopes, L. P. M. (1994). *Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução*. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 10(2). <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>.
- Mantoan, M. T. E. (2017). Diferenciar para incluir ou para excluir? Por uma pedagogia da diferença. In F. G. Lustosa & F. B. Mariana (Orgs.), *Diversidade, diferença e deficiência: Análise histórica e narrativas cinematográficas* (p. 235). Edições UFC.
- Menezes, N. O. da S., Welp, A., Sarmento, S., & Didio, A. R. (2023). *O ensino de língua adicional em contexto de migração: princípios para o desenho de uma sequência didática para uma sala de aula translíngue*. Revista Horizontes de Linguística Aplicada, 22(1), DT3. <https://doi.org/10.26512/rhla.v22i1.46840>
- Moita Lopes, L. P. (Org.). (2006). *Por uma linguística aplicada interdisciplinar* (2ª ed.). Parábola Editorial.
- Moreira, J. B., & Borba, J. H. O. M. de. (2021). *Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”*: uma revisão conceitual no campo das migrações. Revista Brasileira de Estudos de População, 38, 1–20. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0137>
- Perrenoud, P. (1995). *La pédagogie à l'école des différences*. ESF.
- Perrenoud, P. (1997). *Pédagogie différenciée: Des intentions à l'action*. ESF.
- Rojo, R. H. R., & Moura, E. (Orgs.). (2012). *Multiletramentos na escola*. Parábola Editorial. https://www.academia.edu/35255109/Multiletramentos_na_escola
- Silva, J. C. J., & Baeninger, R. (2021). O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 29(63), 123–139. <https://www.scielo.br/j/remhu/a/5CJ6rWdFCgGWKzdYqLdQLhx/?format=pdf&lang=pt>
- Street, B. V. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge University Press.
- Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, 31(3), 443–466. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>
- Vertovec, S. (2007). Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 30(6), 1024–1054. <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

COMO CITAR ESSE TEXTO

King, K.D.M.M.; Zambrano, C.E.G. (2026). Pedagogia das diferenças: a diversidade cabe no seu plano de aula? *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.1, 84-101. <https://dx.doi.org/10.59068/24476137pedagogiadasdiferencas>

RECEBIDO EM:26/05/2025
APROVADO EM: 22/06/2025